E tambem quem segue ali, ao pé do monte,
Onde, junto á tripla escada, jaz a fonte,
Sente o canto da corrente a murmurar,
Aguas fulgidas, na concha, a scintillar.

Gloriosa, da columna tão delgada,
Sorridente, a Virgem Bemaventurada,
Derramando, lá do alto, as graças puras,
Abençôa esse scenario de venturas.

Sóbe o sol e pela praça se alastrando
Vae em copia d'oiro tudo transformando.
Mas agora ali passou a bem amada
E minha alma foi por ella assim levada.

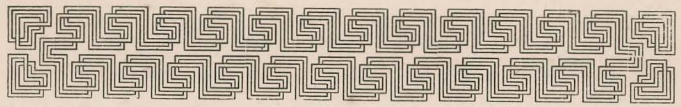
S. D. Fróes.

1919—Imprensa Official do Estado—N. 7301

A LENDA DE D. SANCHA

(POEMA-BALLADA)

S. D. Fróes



D. SANCHA

Explicação previa

Na musica popular e no *folklore* iberico (e portanto na America latina e mesmo na anglo-saxonia) ha, além de outros, dois factores que o tempo e as contingencias historicas, até certo ponto, mesclaram; factores esses que podem chegar a não ser discernidos um do outro por espiritos pouco versados nesse particular.

Esses factores são o elemento wisigodo (ou gothico) e o mourisco. São estes os dois predominanates. Relativamente o arabe (semitico) e o grego romano (aryano) pouco ou nada influiram, sendo que o grego romano, tendo-se aliás mantido no interior dos conventos e dos templos, não deixou vestigios sensiveis na musica popular.

Vê-se até o contrario: o ter esta refluido sobre a ecclesiastica, em detrimento da mesma.

No elemento arabe, ha semelhanças ora com o mourisco, ora com o wisigodo e o slavo.

Ha evidente analogia de rythmos entre certas dansas ibericas e slavas, por exemplo: entre o *boléro* e a *polacca*.

Sármatas, Persas e Arabes já de ha muito estiveram em contacto ou derivaram a sua musica parcialmente da mesm aorigem.

Entre o elemento mourisco e o wisigodo, porém, justa-

mente nos predominantes, ha vehemente opposição de caracteres, evidenciando-se para qualquer musico de cultura mediana.

Juntam-se, não se confundem.

Casamento desigual. Se feliz ou infeliz, é questão debatida.

Sub judice lis est.

Não foi esteril. Isso não se discute. E' visivel.

Não falamos na influencia celtica sob o ponto de vista musical.

Nesse terreno o elemento celta fundiu-se completamente no wisigodo.

A idade média unificou a religião, os costumes, as aspirações e, até certo ponto, as lendas das duas raças. Luctaram juntas contra o inimigo commum, o mouro.

Nem sempre a letra da lenda está de accordo com a toada e com o rythmo da musica.

Uma pode ser gothica e a outra mourisca.

Assim a letra por si só não faz conhecer a origem da toada.

Os rhythmos é que são a caracteristica principal.

O wisigodo, mais ingenuo e mais nobre, é o unico de que tem lançado mão os compositores hespanhóes de maior merito (como Albeniz, Granados) nas suas producções baseadas em motivos populares.

A deslocação do *ictus* para o *arsis*, frequente nos rhythmos selvagens, é uma singularidade que não se encontra entre os aryanos senão por inadvertencia. O *ictus* nestes coincide com o *thesis*.

Um dactylo com a accentuação na segunda ou terceira seria um contrasenso.

A lenda cantada toma frequentemente, senão sempre, a forma de *xacara*, de *canções de berço*, ou de *embalar*, *(berceuse, cradle song, wiegenlied)* ou de ronda infantil e até de canções bacchicas.

Assim o que fez outr'ora chorar os bisavós adormece ou diverte os bisnetos.

Não raro a musica de uma lenda serve ou passa para outra, de sorte que a mesma toada applica-se, conforme os logares, a letras diversas e até oppostas, ou a mesma letra se canta diversamente.

Assim a *Dona Sancha* canta-se no norte e no littoral do Brasil, até o Rio, como em Portugal.

Em Minas e outros pontos applicaram-lhe outra musica de rhythmo mourisco.

Um esquecimento pode talvez explicar a propagação da falsa toada.

Obviamente só podiamos adoptar a versão portugueza para thema da nossa producção, tanto mais que fomos todos, aqui mesmo, embalados por esta.

A lenda de D. Sancha, sob outras denominações e naturalmente com outra letra, é commum a toda a Europa occidental.

Na sua essencia é a mesma que a franceza.

Malborough s'en va-t-en guerre.

De passagem notemos que a toada que acompanha a franceza é a mesma que a da canção bacchica na Inglaterra.

He is jolly good fellow.

A forma portugueza parece ter nascido ou creado corpo na epocha da batalha de Alcacerquivir, sob o aspecto do que em França se chama *complainte*, a qual, á força de ser repetida, passou de queixa a folguedo.

Os "*filhos de um rei e netos de um conde, que mandam que se esconda debaixo de uma pedra a S. Miguel Archanjo*", padroeiro dos christãos e chefe das milicias celestes, o qual entretanto não defendera os cruzados e os deixa literalmente exterminar pelos infieis constitue a expressão de lancinante desespero.

E esses anjos que vão *carreando* ou levando ao

Eterno as tristezas e as preces da infeliz que não viu mais tornar o escolhido do seu coração, são profundamente melancolicos.

A noiva abandonada (forma scandinava) tambem pede eternamente ao Creador que proteja ao inconstante que ella jamais ha de ver.

Deixamos de lado algumas variantes da letra que nos serve de thema ou de motte.

Algumas dessas variantes são aliás acceitaveis: *guerreando* em vez de carreando, etc.

Outras, como a que diz ser a *pedra* de S. Miguel, parecem corruptelas e tiram á letra a sua significação natural. Tanto do motivo musical como da letra só nos utilizamos daquillo que julgamos conveniente e necessario ao cunho de origem.

O mais, bom ou não, da nossa lavra só teve em mira produzir o desenvolvimento de um modo de conceber pessoal, sem preoccupação de meritos que somos o primeiro a confessar insignificantes, senão nullos.

Tal como a concebemos seria impossivel fazel-a executar em um meio artistico tão escasso de recursos; alguns instrumentos até, *vulgares* na Europa, accessiveis no Rio, não se podendo mesmo achar aqui. Assim só nos foi possivel organizar um pequeno conjuncto de cordas e flauta, devido á generosa boa vontade dos eximios artistas que nelle tomam parte.

Se, porventura, não desagradar ao auditorio, tornar-se-á talvez possivel repetil-a alguma vez de modo mais completo e mais proximo da nossa concepção, com os meios de que podermos dispor em occasião mais favoravel e mesmo sob regencia mais idonea.

S. D. Fróes.

A LENDA DE D. SANCHA

(BALLADA)

Senhora Dona Sancha
Coberta de oiro e prata
Descubra o seu rosto.
....
Que anjos são esses
Que andam carriando
De noite e de dia,
Com seus Padrenossos
E sua Avemaria?
....

(Ronda Infantil).

A avó contou-me a lenda de Dona Sancha a loira,
Tambem do cavalleiro, perdido em terra moira.
A tarde corre branda, mas antes que anoiteça,
Contar-vos-ei a historia; que não vos entristeça...

Senhora Dona Sancha, coberta de oiro e prata,
Descobre o lindo rosto, que a tantos fere e mata;
Já brota a flôr do lirio no prado verdejante,
Viceja a rosa rubra. Luz Maio rutilante.

—"Ouviste", ella pergunta
Ao jovem falcoeiro:
"Ouviste alguma nova
De pagem ou cavalleiro?
—"Porque saber quereis
O que me perguntaes?
Acharam a dois ginetes...
Não posso dizer mais."

Senhora Dona Sancha, coberta de oiro e prata
Levanta aos céos o rosto, que a muitos fere e mata.
—"Mostrae os bellos olhos e todas folgaremos,
Sorride a vossas servas; em Junho exultaremos."

—"Já vistes mensageiro?
Por elle sabereis
De lá de moiras terras.
Porque não respondeis ?"
—"Não mais querais saber
O que nos indagaes;
Feriram a dois ginetes...
E não diremos mais..."

Senhora Dona Sancha coberta de oiro e prata
Abaixa os bellos olhos, que a todos fere e mata.
E Julho foi passando, chegou por fim Agosto;
Senhora Dona Sancha nas mãos esconde o rosto.

—"Já veio o cavalleiro?
Dizei-me, se o sabeis,
Dizei-me, eu vos supplico...
Então... não respondeis ?"
—"Já que saber quereis...
O pagem inda arquejou:
Morreram os dois ginetes.
O conde... não se achou..."

.....

Mas que me sinto agora ? Porque tudo entristece ?
A tarde vae findando, em torno já escurece.
Quereis o fim da historia de Dona Sancha a loira ?
A lenda é mui singela, mas isso não a desdoira.

Senhora Dona Sancha deixou-se d'oiro e prata,
Despiu seu rico manto, calçou pobre alpercata,
De denso véo cobriu-se, vestiu grosso burel;
Segura um grande cirio; mas não deixou o anel.

—Que monjas são aquellas
Que á noite e pelo dia
Carreiam Padrenossos
Com tanta Avemaria ?
—Senhora Dona Sancha
Tambem com ellas rezava.
Mas, quando ellas dormiam,
Na cella, a sós, chorava.

—Que lagrimas são essas? quem tanto a magoava?
Porque soluça assim?—Não sei,... não se queixava...
Setembro é já passado; moroso, após Outubro,
Surgiu frio Novembro. De luto então me cubro.

—Que sinos são aquelles
Que de manhã repicam,
Badalam a meio dia,
A' tarde ainda replicam?
—Outr'ora iam cantando,
Agora elles imploram,
Agora estão dobrando,
Agora tambem choram.

Senhora Dona Sancha, pensando ouvir tropel,
Em noite assim como esta, cahiu beijando o anel.
Seccaram os tristes olhos, mas vê-se o lindo rosto.
Rasgando o coração, finou-se o seu desgosto.

—E que anjos pois são esses
Que, á noite e pelo dia,
Dizendo vão baixinho:
"Pae nosso, avemaria..."?
—Levaram a Dona Sancha
Envolta em nimbeo véo,
Dizendo adeus á terra,
Pairando lá no céo...

A cruz da campa sua, despida d'oiro e prata,
Jaz alto na montanha. Chegando aquella data,
A neve encobre a pedra; o frio ali maltrata,
O vento brame queixas, o pranto ali desata.

Contei-vos já a historia
De Dona Sancha a Santa.
A lenda é triste... Embora...
Por triste é que me encanta.
Agora se quizerdes
Saber do cavalleiro
Que foi a moiras terras,
Com pagem e com escudeiro...

Respondo-vos que é tarde, que o dia amorteceu,
Que nunca me disseram se o pagem appareceu.
Sei só que do escudeiro contaram que expirou,
A dois corceis mataram; que o conde não voltou!

Senhora Dona Sancha, vestida de burel,
Em noite assim como esta, cahiu beijando o anel!
A tarde ha muito é finda, de ha muito anoiteceu,
A lenda é triste e, agora, tambem me entristeceu

ROMANZA

De Gabriel d'Annunzio

O autor descreve o quadro da praça da Trindade *(piazza di Spagna)*, em Roma, em manhã de primavera, quando é costume Romano adornar o obelisco (encimado pela estatua de N. Senhora) com as primeiras flôres annuaes e se estabelece a primeira feira das rosas.

Para os que porventura não estejam familiarizados com a lingua de Dante, apresentamos a seguinte despretenciosa e *livre* traducção, ou seja imitação ou, se quizerem,

PARAPHRASE

Vae morrendo Fevereiro docemente,
Diluindo loira côr sobre o ambiente
E, banhada pela luz, a grande praça
Com mil flôres vae formando immensa taça.

Toda ao sól, a *Trinitá*, solemnemente,
Fógos mil accende e luz, replandescente;
E seu riso, calmo, pio, santo e ameno,
Dulcifica o espectaculo sereno.

O' obelisco, a meio céo, troca o seu mytho
Dessas suas petreas veias de granito
Pelas flôres que o cingem, olorosas;
—O seu fuste em estlylete só de rosas